

USO DE ÁLCOOL E DROGAS NA INFÂNCIA E NA ADOLESCÊNCIA: UMA REVISÃO NARRATIVA

José Henrique Crivelli¹;

UNICENTRO, GUARAPUAVA, PARANÁ.

<http://lattes.cnpq.br/2847755972048075>

Vitorio Fantinel²;

UNICENTRO, GUARAPUAVA, PARANÁ.

<http://lattes.cnpq.br/9626802318877085>

Amanda Maieski da Silva³;

UNICENTRO, GUARAPUAVA, PARANÁ.

<http://lattes.cnpq.br/6230495177585671>

João Eduardo Herrero Lima⁴;

UNICENTRO, GUARAPUAVA, PARANÁ.

<http://lattes.cnpq.br/5370975360569218>

Gustavo Bianchini Porfírio⁵;

UNICENTRO, GUARAPUAVA, PARANÁ.

<http://lattes.cnpq.br/2778756837882408>

Danielle Soraya da Silva Figueiredo⁶.

UNICENTRO, GUARAPUAVA, PARANÁ.

<http://lattes.cnpq.br/4633811183959364>

RESUMO: Realizou-se uma análise crítica da literatura acadêmica acerca do uso de álcool e drogas na infância e adolescência, na forma de uma revisão narrativa. Este artigo teve como objetivo investigar fatores de risco relacionados ao uso precoce de álcool e drogas, consequências a longo prazo e intervenções como fator de proteção. A adolescência é um período da vida marcado por mudanças, geralmente acompanhado de curiosidade, impulsividade e imediatismo. As drogas lícitas e ilícitas comumente conhecidas pelos efeitos relacionados ao prazer, vem ao encontro das características presentes nessa faixa etária. A desestruturação familiar apresentou-se como elemento relevante para o consumo precoce. As consequências envolvem prejuízos ao desenvolvimento neurocognitivo, queda no rendimento escolar, comportamentos sexuais de risco, saúde mental, regulação emocional, entre outros. Compreende-se a importância de medidas do âmbito legislativo, mas reitera-se a necessidade de atitudes no âmbito educacional baseadas na compreensão do ambiente e realidade social em que se encontram.

PALAVRAS-CHAVE: Curiosidade. Desestruturação. Educacional.

ALCOHOL AND DRUG USE IN CHILDHOOD AND ADOLESCENCE: A NARRATIVE REVIEW

ABSTRACT: A critical analysis of the academic literature on alcohol and drug use in childhood and adolescence was carried out in the form of a narrative review. This article aimed to investigate risk factors associated with early alcohol and drug use, long-term consequences, and interventions as protective factors. Adolescence is a stage of life marked by change, often accompanied by curiosity, impulsivity, and immediacy. Legal and illegal drugs, commonly known for their pleasurable effects, align with characteristics commonly present in this age group. Family dysfunction emerged as a relevant factor for early substance use. Consequences include impairments in neurocognitive development, decreased academic performance, risky sexual behaviors, mental health issues, emotional regulation difficulties, among others. While the importance of legislative measures is acknowledged, the need for educational strategies based on an understanding of the environment and social reality in which individuals live is emphasized.

KEYWORDS: Curiosity. Destructuring. Educational.

INTRODUÇÃO

No Brasil, a Lei 11.705 de 19 de junho de 2008, também conhecida como Lei Seca, determinou restrições e penalizações rígidas ao condutor que apresentasse alcoolemia superior ou igual a 0,6 decigramas/l (Brasil, 2024). Essas, dentre outras proibições, buscam reduzir o consumo excessivo de bebidas alcoólicas e as consequências que o acompanham. Dirigir sob a influência de álcool ou beber e dirigir é fator de risco para 27% de todos os acidentes de trânsito. Estimativas da Organização Mundial da Saúde indicam que, no Brasil, o álcool seja responsável por 36,7% de todos os acidentes de trânsito entre homens e 23% entre as mulheres (Cisa, 2024).

Outras drogas, tanto lícitas quanto ilícitas, participam do cenário brasileiro e representam desafios ao sistema de saúde. O tabagismo representa um dos principais fatores de risco de neoplasias e doenças do aparelho circulatório, além dos custos para o sistema de saúde. O tabagismo é responsável por 200 mil mortes por ano no Brasil, em média 23 por hora (Brasil, 2022). O fumo está associado a 25% das doenças vasculares, 25% das mortes cardiovasculares, além de causar 90% dos casos de câncer de pulmão e 30% das mortes decorrentes de câncer de laringe, faringe, boca, esôfago, pâncreas, rim, bexiga e colo do útero (INCA, 2008). Embora seja explicitamente proibida a comercialização e fabricação no Brasil, os cigarros eletrônicos vêm ganhando cada vez mais espaço no país, principalmente entre os mais jovens. Estudos mostram que os jovens que usam cigarros eletrônicos têm quase três vezes mais probabilidade de fumar cigarros na vida adulta (Brasil, 2024). O uso de cigarro eletrônico é maior entre crianças de 13 a 15 anos do que entre adultos em todas as regiões da OMS, sendo necessárias medidas urgentes para prevenir o uso de cigarros eletrônicos e combater a dependência da nicotina (OMS, 2023).

A adolescência é uma fase marcada por muitas mudanças físicas, psicológicas e sociais (Ribas et al., 2018). Compreende-se que esse momento de instabilidade aprofunda a condição de vulnerabilidade e aumenta o risco de início precoce do uso de substâncias psicoativas. Além disso, a satisfação imediata proporcionada pelo uso de substâncias psicoativas vem ao encontro do comportamento impulsivo e do imediatismo muitas vezes presentes nos jovens dessa faixa etária (Bittencourt, 2015). Dessa forma, percebe-se que a adolescência é um período muito suscetível à experimentação do álcool e outras drogas. Sabe-se que há fatores de risco como origem em família desestruturada (Silva et al, 2021), mau desempenho escolar (Ribas et al., 2018) e influência de pares (Zappe e Draper, 2017). De mesmo modo, sabe-se que o uso precoce pode gerar graves consequências à saúde do indivíduo a longo prazo, como o câncer de pulmão, no caso do tabagismo, e a insuficiência hepática no alcoolismo. Todavia, há certa discussão sobre as correlações entre uso de drogas na adolescência e desfechos como sucesso financeiro, criminalidade e predisposição para outras doenças.

OBJETIVO

Considerando a relevância do tema, o presente trabalho tem como objetivo analisar os fatores predisponentes ao uso precoce de álcool e drogas na adolescência, além de investigar correlações entre determinados desfechos na vida adulta com o uso precoce de tais substâncias. Procura-se, também, verificar a eficácia das medidas intervencionistas como fator protetivo.

MÉTODO

Trata-se de uma revisão narrativa da literatura sobre o uso de álcool e drogas na infância e adolescência. Não houve uso de método sistemático com limitação temporal, nem preferência por determinados modelos de pesquisa. A pesquisa ocorreu em várias plataformas de literatura científica e dados disponíveis pelo governo brasileiro na internet. Tanto artigos em português como inglês foram incluídos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O consumo de álcool, tabaco e de drogas ilícitas na adolescência pode aumentar o risco de dependência futura, associando-se a uma série de comportamentos de risco e ao desenvolvimento de sintomas emocionais e de comportamento (Chaplin et al., 2014).

Os principais fatores de risco para o consumo de álcool e outras drogas são vulnerabilidade socioeconômica, características do funcionamento familiar, ser do gênero masculino e estar na fase da adolescência, especificamente na faixa etária entre 12 e 18 anos de idade (Andrade et al., 2017; Cerutti et al., 2015; Noto et al., 2003; Rocha, 2012; Vargas et al., 2015). Quanto ao funcionamento familiar, os estudos indicam risco aumentado se há elevados níveis de conflito, deficiência na comunicação intrafamiliar, distanciamento

emocional entre pais e filhos, pais/cuidadores usuários de álcool e/ou outras drogas (Broecker & Jou, 2007; Costa et al., 2014), estratégias ineficazes de enfrentamento das adversidades e falta de suporte religioso (Andrade et al., 2017; Broecker; Jou, 2007), estilo parental negligente e permissivo (Cerutti; Argimon, 2015; Cerutti et al., 2015), exposição e ocorrência de violência física e sexual (Fosco; Feinberg, 2018; Noto et al., 2003).

Tais fatores geralmente se sobrepõem e desencadeiam problemas de comportamento externalizantes e internalizantes nos adolescentes. Os primeiros se expressam em relação às outras pessoas e envolvem dificuldade de controlar impulsos, hiperatividade, agressividade física ou verbal, raiva, delinquência e uso de drogas (Achenbach; Rescorla, 2001). Os internalizantes se expressam por meio de comportamentos introspectivos e em relação ao próprio indivíduo e envolvem tristeza, isolamento, queixas somáticas e medo, entre outros sintomas (Cerutti; Argimon, 2015; Hess; Falcke, 2013).

A pandemia de covid-19 teve um impacto ambíguo sobre o uso abusivo de substâncias na adolescência. Durante os períodos de permanência em casa, as taxas de iniciação diminuíram, mas as taxas de uso intenso aumentaram porque alguns adolescentes passaram a consumir mais substâncias como um mecanismo para lidar com o estresse (Johnston LD, Miech RA, O'Malley PM, et al., 2021).

Em primeira análise podemos observar o contexto e a prevalência do consumo de entorpecentes e álcool por parte de menores de idade, no último Levantamento Nacional sobre o Uso de Drogas pela População Brasileira (LNUD). Os dados apontaram que aproximadamente 7 milhões (34,3%) dos indivíduos menores de 18 anos reportaram ter consumido álcool na vida (FIOCRUZ, 2017). Além disso, a pesquisa ainda ressalta que entre os quase 101 milhões de indivíduos que utilizam bebidas alcoólicas ao menos uma vez na vida, a idade mediana de início de consumo foi menor entre homens (15,7 anos) do que entre as mulheres (17,1 anos), mostrando que indivíduos do sexo masculino tendem a iniciar o consumo de álcool mais cedo, quando comparado às mulheres (FIOCRUZ, 2017). Já do ponto de vista do cigarro, a pesquisa apontou que 1,3 milhões de adolescentes de 12 a 17 anos já consumiram cigarros industrializados na vida. No que diz respeito aos dados relacionados ao primeiro consumo de cigarros, dentre 51 milhões de pessoas que utilizam cigarros industrializados alguma vez na vida, a mediana de idade no início do consumo foi aproximadamente 15 anos (FIOCRUZ, 2017). Por fim, no que diz respeito às drogas ilícitas, a LNUD apontou que o consumo desses entorpecentes se apresentou baixo, porém indicou que muitos adolescentes consideram fácil obter drogas como maconha e cocaína (FIOCRUZ, 2017).

Seguida a abordagem, podemos exemplificar os danos que o consumo de álcool e drogas na adolescência e infância podem ocasionar no desenvolvimento da forma adulta. Nesse sentido, o consumo excessivo de álcool durante a adolescência representa um fator de risco significativo para o desenvolvimento neurobiológico e psicossocial (Pechansky, et al., 2004). Alterações nestes sistemas acarretam efeitos significativos em termos comportamentais e emocionais em adolescentes. É importante destacar que, durante a

adolescência, o córtex pré-frontal ainda está em desenvolvimento. Como ele pode ser afetado pelo uso de álcool e substâncias ilícitas, uma série de habilidades que o adolescente necessita desenvolver e que são mediadas por este circuito como o aprendizado de regras e tarefas focalizadas ficarão prejudicadas (Brown et al., 2004). O hipocampo, associado à memória e ao aprendizado, é afetado pelo uso de álcool por adolescentes (Pechansky, et al., 2004). Estes dados são importantes, pois demonstram haver um efeito cerebral consequente ao consumo de álcool e drogas em adolescentes, os efeitos ocorrem em áreas cerebrais ainda em desenvolvimento e associadas a habilidades cognitivo-comportamentais que deveriam iniciar ou se firmar na adolescência. Desse modo, o uso abusivo de álcool pode interferir nesses processos, resultando em prejuízos neuropsicológicos, como déficits de memória, alterações no sistema dopaminérgico e límbico, e problemas de comportamento. Assim, o consumo de álcool e drogas na adolescência também está associado a uma série de prejuízos acadêmicos. Esses podem decorrer do déficit de memória: adolescentes com dependência de álcool apresentam mais dificuldade em recordar palavras e desenhos geométricos simples após um intervalo de 10 minutos, em comparação a adolescentes sem dependência alcoólica (Brown et al., 2004). Sabendo-se que a memória é função fundamental no processo de aprendizagem e que essa se altera com o consumo de álcool, é natural que este também comprometa o processo de aprendizagem. A queda no rendimento escolar, por sua vez, pode diminuir a autoestima do jovem, o que representa um conhecido fator de risco para maior envolvimento com experimentação, consumo e abuso de substâncias psicoativas (Pechansky et al., 2004). Assim, a consequência do uso abusivo de álcool para o adolescente poderia levá-lo a aumentar o consumo em uma cadeia de retroalimentação, ao invés de motivá-lo a diminuir ou interromper o uso.

Além disso, a associação do consumo de álcool a atividades de lazer e experiências afetivas e sexuais pode condicionar o indivíduo a depender da substância para enfrentar situações sociais, comprometendo o desenvolvimento de habilidades emocionais e sociais independentes (Pechansky et al., 2004). Esse padrão de comportamento aumenta o risco de dependência química na vida adulta e contribui para a perpetuação de dificuldades de adaptação em contextos sociais e emocionais sem o uso de substâncias. Tais impactos têm efeitos duradouros, influenciando qualidades na saúde mental e no funcionamento social do indivíduo ao longo da vida. Além disso, estando intoxicado, o adolescente envolve-se mais em atividades sexuais sem proteção, com maior exposição às doenças sexualmente transmissíveis, como ao vírus HIV, e maior exposição à gravidez (Huizinga D, Loeber R, Thornberry TP, 1993). Dados nacionais apontam para uma associação entre uso de álcool, maconha e comportamentos sexuais de risco como início precoce de atividade sexual, não uso de preservativos, pagamento por sexo e prostituição (Scivoletto et al., 1999).

Outrossim, entende-se a necessidade de políticas de prevenção e tratamento para tal situação apresentada. A Lei nº 13.106/2015 publicada pelo Governo Federal Brasileiro proíbe a venda ou quantidade suficiente, por qualquer meio, de bebidas alcoólicas ou substâncias que possam causar dependência física ou psíquica a menores de 18 anos

no Brasil, estabelecendo pena de detenção de dois a quatro anos, multa de três mil a dez mil reais e, em alguns casos, interdição do estabelecimento comercial. Apesar dessa legislação, pesquisa realizada pelo Centro de Informações sobre Álcool e Saúde (CISA) em 2019 revelou que cerca de 43% dos adolescentes brasileiros já consumiram bebidas alcoólicas em festas.

Adicionalmente, o Decreto nº 9.761, de 11 de abril de 2019, dentro da Política Nacional sobre Drogas, coloca o uso de álcool e outras substâncias como um problema que afeta diretamente a infância, a adolescência e a juventude, com ênfase na prevenção do uso precoce e não tratamento e assistência para aqueles já expostos a essas substâncias. Nesse contexto, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) reforça a necessidade de proteção integral, garantindo o direito à informação adequada e à proteção contra conteúdos relacionados à saúde e ao bem-estar dessa população, com ênfase em emissões lícitas e ilícitas.

Essas iniciativas jurídicas e políticas têm como objetivo reduzir o impacto do consumo de substâncias psicoativas entre adolescentes, abordando o problema de maneira integrada, por meio da prevenção, do tratamento e da proteção legal. Embora as medidas legislativas sejam importantes para restringir o consumo alcoólico ou uso de entorpecentes, compreende-se que não são suficientes, haja visto, ainda, altas taxas de consumo na população mais jovem. Assim, entende-se que outras medidas de prevenção são necessárias. Dentre essas medidas, intervenções educacionais permanecem como elemento fundamental (Büchele et al., 2009; Fonseca, 2006; Nelson et al., 2022; Aly et al., 2020). Há certa discussão sobre a melhor maneira de se realizar essas intervenções. Conforme abordado por Büchele et al (2009), discute-se que medidas puramente repressivas, como “proibido drogas”, são ineficazes, haja vista curiosidade típica dessa faixa etária. Os autores ressaltam a importância do estabelecimento de vínculo com o público alvo, tal qual uma abordagem baseada na compreensão do ambiente e realidade social em que se encontram. Dentro disso e na perspectiva da promoção de saúde preconizada pela atenção primária, deve-se focar no estabelecimento de vínculo com as crianças e a conscientização frente aos riscos e consequências do consumo de drogas. É difícil prever a eficácia dessas intervenções, uma vez que cada indivíduo possui uma identidade única, além de um próprio meio familiar, cultural e social, os quais exercem forte influência no seu modo de agir e ser.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso de álcool e outras substâncias psicoativas por crianças e adolescentes no Brasil reflete um problema multifacetado, com raízes em fatores individuais, familiares, sociais e econômicos. Os dados apresentados na revisão revelam que a adolescência é um período particularmente vulnerável devido às mudanças biológicas, sociais e psicológicas típicas dessa fase, às influências externas, como a pressão dos pares, além das fragilidades estruturais, como disfunções familiares e vulnerabilidade socioeconômica.

Apesar de iniciativas como do Estatuto da Criança e do Adolescente, que buscam

proteger os menores e reduzir os riscos associados ao consumo de drogas e álcool, a eficácia dessas políticas sofre devido à má distribuição de recursos públicos para o combate, falta de formação de profissionais para abordar essa temática, além de práticas culturais que influenciam crianças e adolescentes a entrarem nesse mundo de substâncias tóxicas. O acesso precoce ao álcool e às drogas, muitas vezes é facilitado pelo ambiente familiar e escolar ou pela falta de fiscalização adequada, evidencia lacunas no controle e na implementação dessas regulamentações. Além disso, novas formas de consumo, como os cigarros eletrônicos, ganham espaço, especialmente entre os jovens, criando novos desafios para a saúde pública.

Conclui-se, portanto, que enfrentar o problema do uso de álcool e outras drogas por adolescentes e crianças requer uma abordagem abrangente, que combine educação com saúde, políticas públicas efetivas e suporte socioemocional. É necessário apontar os limites dessa revisão, haja vista o uso de um número restrito de estudos e a ausência de um método sistemático, possibilitando a existência de vieses. Dada a importância do assunto para a saúde pública, ressalta-se a importância de estudos em conjunto com a esfera governamental para o desenvolvimento de intervenções cada vez mais eficazes.

REFERÊNCIAS

- CHAPLIN, T. M.; HANSEN, A.; SIMMONS, J.; MAYES, L. C.; HOMMER, R. E.; CROWLEY, M. J. (2014). Parental-adolescent drug use discussions: Physiological responses and associated outcomes. **Journal of Adolescent Health**, 55(6), 730-735. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2014.05.001>
- PECHANSKY, F.; SZOBOT, C. M.; SCIVOLETTO, S. Uso de álcool entre adolescentes: conceitos, características epidemiológicas e fatores etiopatogênicos. **Brazilian Journal of Psychiatry**, v. 26, p. 14–17, 1 maio 2004.
- HUIZINGA D, LOEBER R, THORNBERRY TP. Longitudinal study of delinquency, drug use, sexual activity, and pregnancy among children and youth in three cities. **Public Health Rep** 1993;108 Suppl 1:90-6.
- BROWN SA, TAPERT SF, GRANHOLM E, DELIS DC. Neurocognitive functioning of adolescents: effects of protracted alcohol use. **Alcohol Clin Exp Res** 2000;24(2):164-71.
- SCIVOLETTO S, TSUJI RK, ABDO CHN, QUEIRÓZ S, ANDRADE AG, GATTAZ WF. Relação entre consumo de drogas e comportamento sexual de estudantes de segundo-grau de São Paulo. **Rev Bras Psiquiatr** 1999;21(2)87-94.
- JOHNSTON, L. et al. MONITORING FUTURE NATIONAL SURVEY RESULTS Key Findings on Adolescent Drug Use. [s.l.: s.n.]. Disponível em: <<https://monitoringthefuture.org/wp-content/uploads/2022/08/mtf-overview2021.pdf>>.
- PEUKER, A. C. W. et al. Uso de álcool e outras drogas por adolescentes: associações com problemas emocionais e comportamentais e o funcionamento familiar. **Psicologia Clínica**, v. 32, n. 2, p. 315–334, 1 ago. 2020.
- HESS, A. R. B.; FALCKE, D. Sintomas internalizantes na adolescência e as relações

familiares: uma revisão sistemática da literatura. **Psico-USF**, v. 18, n. 2, p. 263–276, ago. 2013.

BROECKER, C. Z.; INCHAUSTI, G. Práticas educativas parentais: a percepção de adolescentes com e sem dependência química. **Psico-USF**, v. 12, n. 2, p. 269–279, 2024.

CERUTTI, F.; IRANI. RELACIONAMENTO PAIS E FILHOS E AS IMPLICAÇÕES NO USO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA. **Perspectivas en Psicología**, v. 12, n. 1, p. 57–65, 2015. **Vista de Influencia de las actitudes de los padres en el consumo de drogas en la adolescencia**. Disponível em: <<https://actacolombianapsicologia.ucatolica.edu.co/article/view/124/166>>.

VARGAS, D. DE et al. O primeiro contato com as drogas: análise do prontuário de mulheres atendidas em um serviço especializado. **Saúde em Debate**, v. 39, n. 106, p. 782–791, set. 2015.

Vista do Experimentação de substâncias psicoativas por estudantes de escolas públicas. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rsp/article/view/138340/133823>>. Acesso em: 25 nov. 2024.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ INSTITUTO DE COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA EM SAÚDE. **III Levantamento Nacional Sobre O Uso De Drogas Pela População Brasileira**. www.arca.fiocruz.br, 2017.

BROWN, S. A. et al. Neurocognitive functioning of adolescents: effects of protracted alcohol use. **Alcoholism, Clinical and Experimental Research**, v. 24, n. 2, p. 164–171, 1 fev. 2000.

GRANT, B. F. The Impact of a Family History of Alcoholism on the Relationship Between Age at Onset of Alcohol Use and DSM–IV Alcohol Dependence: Results From the National Longitudinal Alcohol Epidemiologic Survey. **Alcohol Health and Research World**, v. 22, n. 2, p. 144, 2024.

HUIZINGA, D.; LOEBER, R.; THORNBERRY, T. P. Longitudinal study of delinquency, drug use, sexual activity, and pregnancy among children and youth in three cities. **Public Health Reports** (Washington, D.C.: 1974), v. 108 Suppl 1, p. 90–96, 1993.

FARIA FILHO, E. A. Perfil do consumo de álcool e drogas ilícitas entre adolescentes escolares de uma capital brasileira. SMAD. **Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas** (Edição em Português), v. 10, n. 2, p. 78, 1 ago. 2014.

FONSECA, M. S. D. Como prevenir o abuso de drogas nas escolas? **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 10, n. 2, p. 339–341, dez. 2006

ALY, S. M. et al. Substance abuse among children. **Archives de Pédiatrie**, v. 27, n. 8, p. 480–484, nov. 2020.

NELSON, L. F.; WEITZMAN, E. R.; LEVY, S. Prevention of Substance Use Disorders. **Medical Clinics of North America**, v. 106, n. 1, p. 153–168, jan. 2022.

BÜCHELE, F.; COELHO, E. B. S.; LINDNER, S. R. A promoção da saúde enquanto estratégia de prevenção ao uso das drogas. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 14, n. 1, p. 267–273, fev.

2009.

PEREIRA, B. A. D. A. X.; SCHRAM, P. F. C.; AZEVEDO, R. C. S. D. Avaliação da versão brasileira da escala CRAFFT/CESARE para uso de drogas por adolescentes. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 21, n. 1, p. 91–99, jan. 2016.

BITTENCOURT, A. L. P.; FRANÇA, L. G.; GOLDIM, J. R. Adolescência vulnerável: fatores biopsicossociais relacionados ao uso de drogas. **Revista Bioética**, v. 23, n. 2, p. 311–319, ago. 2015.

SILVA, D. M. R. D. et al. Association between family dynamics and use of alcohol, tobacco, and other drugs by adolescents. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 74, n. 3, p. e20200829, 2021.

RIBAS T, GEHLEN MH, VENTURA J, PAULA SF, FERREIRA CL, PEREIRA AD. Drug initiation and abuse during adolescence: a narrative review. **Rev Fun Care Online**. 2018 oct/dec; 10(4):1169-1175.

ZAPPE, J. G.; DAPPER, F. Drogadição na Adolescência: Família como Fator de Risco ou Proteção. **Revista de Psicologia da IMED**, v. 9, n. 1, p. 140, 14 nov. 2017.

BRASIL. Presidência da República Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. LEI Nº 11.705, DE 19 DE JUNHO DE 2008. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11705.htm. Acesso em: 17 de Novembro de 2024.

CISA. ÁLCOOL E A SAÚDE DOS BRASILEIROS: PANORAMA 2024. Disponível em: https://cisa.org.br/images/upload/Panorama_Alcool_Saude_CISA2024.pdf?utm_source=siteticisa&utm_medium=cpc&utm_campaign=panorama_2024&utm_id=panorama2024&utm_term=panorama%2Bsaude%2Balcool&utm_content=btnlinkAcesso em: 15 de Novembro de 2024

INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER (Brasil). Entrevista: Márcia Pinto, economista, mestre e doutora em saúde pública, e analista de gestão em saúde da Fiocruz. **Rede Câncer**, Rio de Janeiro, v. 5, p. 8-11, jun. 2008.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Organização Pan-Americana de Saúde. **Medidas urgentes são necessárias para proteger as crianças e os jovens dos cigarros eletrônicos**. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/14-12-2023-medidas-urgentes-sao-necessarias-pa-ra-proteger-criancas-e-os-jovens-dos> Acesso em: 16 de Novembro de 2024

BRASIL. Ministério da Saúde. **Ministério da Saúde e INCA lançam campanha de prevenção ao uso de cigarros eletrônicos**. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2024/maio/ministerio-da-saude-e-inca-lancam-campanha-de-prevencao-ao-uso-de-cigarros-eletronicos> Acesso em: 16 de Novembro de 2024

BRASIL. Instituto Nacional de Câncer - INCA. **Tabagismo**. Disponível em: <https://www.gov.br/inca/pt-br/assuntos/causas-e-prevencao-do-cancer/tabagismo>. Acesso em: 16 de Novembro de 2024